

Luciana Garbin, jornalista e curadora da exposição “Santos-Dumont na Coleção Brasileira Itaú”.

O que a escola não nos conta sobre Santos Dumont?

Os alunos geralmente saem da escola com a ideia de que Santos-Dumont foi o ‘pai da aviação’ ou o ‘inventor do 14-Bis’. Ele foi muito mais do que isso, mas os detalhes de sua trajetória acabam muitas vezes esquecidos. Santos-Dumont era chamado de ‘rei de Paris’ na época em que Paris era a capital cultural do mundo. Em 1901, ele ganhou um prêmio superimportante após mostrar que a dirigibilidade era possível. Até então, os balões seguiam o ritmo dos ventos. Ao conseguir decolar de seu hangar, dar a volta na Torre Eiffel e voltar ao ponto de partida em pouco mais de meia hora, ele mostrou que o homem poderia ter controle de seu balão. Isso foi revolucionário para a época. O Prêmio Deutsche deu a Santos-Dumont uma fortuna na época e ele optou por dividir o dinheiro em duas partes: metade deu para seus mecânicos e a outra metade para os pobres de Paris. A população da cidade, que já costumava acompanhar seus experimentos pelo ar, passou a idolatrá-lo. Cinco anos depois, em 1906, ele conseguiu decolar com um veículo mais pesado que o ar. E fez isso, diferentemente dos irmãos Wright, sem qualquer auxílio externo e diante não só de jornalistas e integrantes da comissão julgadora, como de uma multidão. Foi outra revolução. Mais tarde, criou a ‘Demoiselle’, sua obra-prima, e publicou gratuitamente todas as plantas na revista ‘Popular Mechanics’. Um monte de gente conseguiu fazer sua própria aeronave a partir dessas plantas. Foi outro grande feito. Há outros.

Os livros foram as grandes inspirações para o aeronauta?

Eles foram uma das inspirações de sua infância, particularmente os de Júlio Verne. No livro “Os Meus Balões”, Santos-Dumont diz: “Nesse tempo, confesso, meu autor favorito era **Júlio Verne**. A sadia imaginação deste escritor verdadeiramente grande, atuando com magia sobre as imutáveis leis da matéria, me fascinou desde a infância. Nas suas concepções audaciosas eu via, sem nunca me embarçar em qualquer dúvida, a mecânica e a ciência dos tempos do porvir, em que o homem, unicamente pelo seu gênio, se transformaria em um semideus”. Um exemplar em francês do “Viagens Extraordinárias” pode ser visto na exposição.

Ele foi um grande inventor, mas não ficou apenas na criação de dirigíveis e aviões. Qual sua invenção mais curiosa?

Ele fez vários objetos curiosos. Um deles foi o conversor marciano, destinado a ajudar alpinistas a subirem as montanhas cobertas de neve numa época em que não existiam teleféricos. Outra foi o lançador de boias, uma espécie de catapulta que tinha como objetivo ajudar banhistas em dificuldade. Criou ainda o dispositivo para corrida de galgos, que, se supõe, servia para estimular cachorros durante as corridas. A exposição contém vários documentos sobre esses e outros inventos.

Além dos inventos, obviamente, o que devemos reverenciar em relação a Santos Dumont é seu altruísmo?

Sim. Há muitos relatos sobre seu altruísmo, verificado por exemplo em sua decisão de não patentear nenhum de seus dirigíveis ou aviões e abrir esse conhecimento gratuitamente para a humanidade. Mas eu citaria também outras características marcantes em sua obra, que são muito valorizadas no mundo de hoje: empreendedorismo, preocupação com design, dedicação à ciência. Numa época em que o Brasil era conhecido pela produção agrícola, Santos-Dumont mostrou ao mundo que um brasileiro era capaz de se destacar pela ciência e ajudar as pessoas a realizar o grande sonho de voar.